

JÚLIA ROCHA
PACIENTES
QUE CURAM
O COTIDIANO DE
UMA MÉDICA
DO SUS

1ª edição



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro | 2020

Copyright © Júlia Rocha, 2020

Idealização e produção: Amalia Tarallo

Organização: Marcio Gaspar

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R573p

Rocha, Júlia

Pacientes que curam [recurso eletrônico] : o cotidiano de uma médica do SUS /Júlia Rocha. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2020.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5802-015-8 (recurso eletrônico)

1. Sistema Único de Saúde (Brasil). 2. Medicina da família - Brasil. 3. Famílias - Saúde e higiene. 4. Saúde pública - Brasil. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

20-67547

CDD: 362.10981

CDU: 614(81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Um selo da

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil.

Seja um leitor preferencial
Record.

Cadastre-se no site
www.record.com.br e
receba informações sobre
nossos lançamentos e
nossas promoções

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Para Átila e Gabriela.

*Para todos que vieram antes de nós e nos permitiram
chegar até aqui.*

Sumário

Prefácio

1. Para que serve um médico de família?
2. Meu salário
3. “Vai, mãe. Pode ir”
4. A dor da rua
5. Responsabilizar-se
6. Por um fio
7. Emocional
8. Um calmante, por favor
9. Remendo: sobre remédios que revertem os danos de outros remédios que eu tomo nem sei por quê
10. Dona Odete, sua trombose e sua amiga
11. Velha assanhada
12. Quantas mães desnaturadas você conhece?
13. Remédio controlado(r)
14. Fome

15. Quando o amor me guia
16. Aquela que não queremos por perto
17. Embate
18. Estar ao lado
19. Bomba-relógio
20. Telefone
21. “Doutora, eu quero tomar aquele antidepressivo, de novo”
22. A miséria, os miseráveis e os canalhas
23. Três maços por dia
24. Ser mãe preta
25. Teimoso
26. A dor do outro
27. Um dia frio
28. Meu coração em pedaços
29. Procura-se uma mãe
30. À deriva
31. Sua consulta, minha cura
32. Quando o Estado aparece por aqui?
33. O tsunami e o barquinho de papel
34. O barquinho de papel vai mar adentro
35. Sua vó!

36. O lado doce da luta
37. Toda dor tem um começo
38. Muito prazer, miséria
39. Quarto de bebê
40. O retorno: uma reflexão sobre o amor e sobre as pontes que construímos
41. Sobre a cesta básica que pedi ontem
42. Ligar os pontos
43. “Doutora, é grave?”
44. Na corda bamba
45. Uma urgência da alma
46. Dicas de saúde?
47. Uma consulta. Uma flecha
48. Dar o nome
49. Prioridades
50. O corpo feminino.
51. Um passeio pelo meu corpo padrão. O meu padrão
52. Sofrimento de mulher
53. Meu reencontro
54. Atestado para academia
55. Era um bebê de

56. “É difícil dizer...”
57. O primitivo em nós
58. Doença de rico
59. Procura-se um pai
60. “Será Alzheimer, doutora?”
61. Cativoiro
62. De graça
63. Direito adquirido
64. Radical
65. “Dá tchau pra doutora, filho!”
66. Não cuido
67. Para que serve ser médica?
68. Hora de enxergar
69. A obra
70. Mais um querendo atestado
71. Era uma vez um homem
72. O peso de uma vida
73. Um coração perdido.
74. Cinquenta anos de atraso

Agradecimentos

Prefácio

Ainda estava vivo na memória o frescor daqueles primeiros dias na cidade. Era março de 2005, em Pouso Alegre, Minas Gerais. Meu pai, eu, meu irmão mais novo e toda a mudança, que não era muita coisa. Algumas malas de roupas e objetos, retratos da família, e só.

Seis anos passaram devagar. Eu tinha a impressão de que a faculdade de medicina era um tempo que não acabaria nunca. Até que acabou. Naquele dezembro não havia nenhuma tristeza, e ainda hoje não há sequer um pingo de saudade. Fiz muitos colegas, mas poucos amigos. Poucos e caros. Fábio, Carol e Lili. Tão preciosos e amados! Levo os três comigo para sempre.

Tenho saudade das pessoas e da cidade, apenas. Era sofrido estar distante da família. Havia também uma desconfortável e estranha sensação de não pertencimento. Não sei explicar. Era como se aquele não fosse um lugar para mim. Isso me acompanhou até o último dia de aula. Mentira. Até a colação de grau. Embora sonhasse com a medicina desde pequena, não era confortável estar lá. Não era natural. Não era fácil.

Sempre que me lembro dessa época me vem o cheiro daqueles tempos. O perfume das minhas amigas, o frio das manhãs do sul de Minas, o gosto das coisas. A medicina tem um cheiro. O tempo passa e nós vamos nos acostumando, até que paramos de sentir. Cheiro de hospital. As narinas que cheiram aquilo todo dia acabam acostumadas. As minhas já são incapazes de perceber. Talvez elas tenham se cansado.

Há outras partes do corpo que passam por esse processo de se acostumar. Os ouvidos vão se tornando cada vez mais tolerantes aos gritos de dor, ao choro das crianças, aos xingamentos. Os odores, outrora insuportáveis, vamos aprendendo a ignorar. Formol, urina, fezes, vômito,

sangue. Cheiro de dor, de perda, de vazio. Hospital tem cheiro de vazio. Eu aprendi a sentir cheiros que ninguém sente. Cheiro de esperança, de medo, de tristeza. Às vezes, quase dá para pegar a dor do outro e moldar com a ponta dos dedos, até que caiba no frasco do remédio.

Dia após dia vamos sendo condicionados. Aos poucos nos enrijecemos e nos tornamos impenetráveis. Criamos cascas, armaduras, casulos, camadas por onde nada passa. É raro encontrar alguém que ainda se permita sentir alguma coisa no baile de formatura. Permitir afetar-se pelas histórias dos outros é arriscado. “Muito perigoso”, dizem os que já passaram pelo portal. Acho que este livro é sobre isso. Sobre alguém que ousou e se permitiu sentir o cheiro da dor do outro e dela se compadeceu.

Naquele dezembro, minha vida voltou a ser a minha vida. Da noite para o dia eu era uma jovem médica sonhadora e recém-formada. Voltava a Belo Horizonte, minha cidade natal, onde estavam meus amores. A vida que eu amava viver era possível outra vez. A medicina sozinha nunca me bastou. Havia a música, a escrita, a leitura e o fogão a lenha da casa de minha mãe. Era ali que eu sabia ser feliz de verdade.

Eu me formei sem saber direito o que eu queria ser. Acho isso lindo. Coisa de artista. Meus amigos e muitos colegas já haviam decidido suas especialidades e se dedicavam a escolher em qual hospital fariam a residência. Eu, sempre atrasada, seguia me encantando por tudo e querendo ser tudo. Das angústias de final de curso, a maior era ter desejado ser pediatra, ginecologista, obstetra, ortopedista e mais um tanto de outras coisas a cada estágio vivido.

Havia também um sentimento constante e permanente de que eu não conseguiria ser nada. Não me sentia boa o suficiente. Trago isso ainda hoje. É uma sensação estranha de incapacidade que resiste. Hoje sei que não é exclusividade minha. Em outro momento falo disso. Por ora, eu diria que não houve um só dia, desde que me formei, em que eu concordasse com os elogios que recebo. Sempre estive no ar que eu respirava a sensação de que eu era uma fraude. Ainda é assim. Talvez hoje um pouco menos.

Foi somente depois de formada que eu descobri a medicina de família e comunidade. Eu digo “descobrir” de me apaixonar. Desde que me formei, comecei a trabalhar no Sistema Único de Saúde, o SUS, em

diferentes unidades de saúde de regiões periféricas. Costumo dizer que foi ali que eu aprendi a ser a médica que sou. A realidade que pude vivenciar nesses lugares era tão distante da minha que me fez repensar a vida. Dos posicionamentos políticos às certezas sobre mim. Foi inevitável.

Como médica vi as mais absolutas injustiças e precariedades. Durante as visitas domiciliares que fazia aos meus pacientes pude ver pessoas guardando a água de beber em baldes sem tampa, dormindo sobre panos e espumas sujos, dividindo a casa com insetos, ratos e cachorros doentes. Vi bebês rodeados de moscas e mães tão jovens quanto eu era quando sonhava ser médica.

As doenças que conheci nos livros se tornaram um bando de nomes desimportantes. O que matava meus pacientes era algo maior. Volta e meia, dividindo as minhas angústias com minha mãe, cabeça recostada em seu colo, chorando de tristeza ou de desencanto, dizia meio riso, meio choro: “Meus pacientes não leram os mesmos livros que eu.”

Queria que fosse fácil como na faculdade. “Mulher de 30 anos queixa-se de dor pélvica. Pergunte isso, isso e aquilo. Se a resposta for sim, teste isso. Se a resposta for não, cheque isso, isso e aquilo. Peça tal exame. Prescreva tal medicamento.” Fim! Nas avaliações e nas aulas, sempre dava certo.

Só depois que a mulher com a dor, a dona da dor, a dona da barriga, carregando sua história de vida ali dentro, começou a voltar todos os meses, descobri que maridos estupram esposas e que não há um só remédio que tire a dor de quem se sente violentada todas as noites. Não há quem a faça dormir, não há quem faça seu bebê parar de chorar. Não há.

As recomendações, as diretrizes, as evidências científicas se tornam pouco relevantes quando o esgoto passa na porta da cozinha e as crianças brincam nuas e sujas de terra até os cabelos. A pobreza nos expõe a muitas coisas horríveis e quase paralisa nossos músculos da indignação. Miseráveis são invisíveis. Não falam nos telejornais, não têm perfil em redes sociais, não fazem passeatas pelo Centro da cidade. Alguns se debatem, brigam contra o afogamento quase inevitável. Outros aceitam e submergem, imóveis. “Aceitam” é modo de dizer. Eles se anestesiaram e seguem.

Olhar as chagas abertas, contemplar a apatia de quem tudo já foi tirado foi um autorresgate. Precisava ser. Seguir sendo a mesma seria mais do que estranho. Seria muito difícil. Olhar no olho da dor do outro, sentir seu cheiro e dela não me compadecer parecia mais doído que tentar fazê-la minha também.

Lembro como eu era arrogante. Eu me lembro da minha arrogância com detalhes que hoje me envergonham. São memórias que me fazem pensar em como fui tão bem acolhida e aceita na primeira unidade de saúde onde trabalhei.

Em um dos primeiros dias de trabalho, uma senhora muito querida, que era zeladora da unidade, não encontrou a chave do portão do estacionamento e eu parei meu carro numa varanda. Um lugar onde as pessoas da comunidade costumavam ficar aguardando as consultas. Eu ocupei quase todo o espaço com um carro e achei que aquilo era razoável, porque, aos meus olhos, deixá-lo na rua era perigoso. E por um dia inteiro aquelas pessoas tiveram que se espremer no espaço que eu deixei para elas. Um dia eu me lembrei disso e anotei essa história em um caderno para que eu nunca mais esquecesse do que eu já fui capaz de fazer quando me considerava melhor do que aquelas pessoas.

Ainda bem que acordei rápido. Fui invadida a tempo pela humanidade que recebi dos meus pais e dos meus pacientes. Houve tempo de me encantar pelas histórias, de abraçar muito aquelas pessoas, de receber os presentes que colhiam em suas hortas, os queijos que eles próprios faziam. Houve tardes de encontros com a comunidade, café, batizado e casamento. Eles me salvaram.

Tenho plena consciência de que faço pouco ou quase nada que mude efetivamente a vida de quem eu cuido. Saúde vai além de médico, de hospital e de consultório. Saúde é bem-estar social, é trabalhar dignamente, ter transporte público confortável e acessível, ter segurança, ter escola boa para os filhos, ter sossego.

Saudável é quem não apanha da polícia ou vai preso injustamente. Saudável é quem tem mais do que a cachaça para se divertir. Saudável é quem sabe que vai se aposentar um dia. Saudável é quem vai à roda de samba, ao cinema, ao concerto ou ao teatro.

Contudo, há poesia e uma infinidade de beleza nesta lida que é cuidar.

Ser médica de família e comunidade é um imenso presente da vida. É ter a honra de poder se encantar no cotidiano, com as lindezas singelas que nos chegam nas palavras e nos gestos das pessoas de quem cuidamos. É ver crescer a confiança nascida da constância, da presença, do passar dos dias, dos diagnósticos acertados seguidos de tratamentos que fazem melhorar.

Uma querida preceptora, com quem tive a alegria de aprender a ser médica durante a residência, gostava de falar: “Ninguém faz vínculo com médico que não resolve problema.” O que ela queria dizer é que não bastava boa vontade e interesse sem técnica e conhecimento científico. Unir as duas coisas, feito malabarista sobre a corda bamba, que ainda roda pratos erguidos sobre cabos de madeira à medida que pedala seu monociclo sobre o vale, ao sabor da brisa. Essa era a missão confiada.

É uma relação de amor essa entre a pessoa e sua médica. Foram muitos homens e mulheres que me presentearam com suas histórias. A cada encontro eu me refazia como mulher, como ser político, como profissional. Foram trocas preciosas, de profunda humanidade. Durante esses dez anos, ouvi relatos que são retratos fiéis do que vive o povo brasileiro. Histórias de abandono e de sofrimento, mas também de desprendimento, de bem-querer, de amor. Essas pessoas das quais me coube cuidar são as verdadeiras donas dessas crônicas realistas de um Brasil que insiste em sobreviver.